



## **Inovação Social orientada pelo Design Estratégico para a revalorização de resíduos têxteis na Comunidade Porto Novo de POA/RS**

### ***A Model of Social Innovation driven by Strategic Design for the revalorization of textile waste in the community of Porto Novo, POA/RS***

**Gaia Cima, mestre, UNISINOS e Politecnico di Milano**

gaia.coma@outlook.it

**Debora Barauna, doutora, UNISINOS**

dbarauna@unisinos.br

Número da sessão temática da submissão – [2]

#### **Resumo**

A comunidade de Porto Novo, localizada em Porto Alegre/RS, enfrenta desafios significativos relacionados ao acúmulo excessivo de resíduos têxteis e à vulnerabilidade socioeconômica. Esse cenário é apenas uma fração dos problemas globais, que são reflexos de uma sociedade capitalista que incentiva o consumo desenfreado, levando à degradação social e ao impacto ambiental crescente, na época atual do Antropoceno. Este artigo investiga como a Inovação Social orientada pelo Design Estratégico pode abordar essas questões complexas, propondo soluções que revalorizem os resíduos têxteis e promovam o desenvolvimento local da comunidade. A metodologia inclui uma dinâmica entre ação e reflexão, visando identificar oportunidades práticas de empoderamento, dignidade e autonomia para um grupo de mulheres locais. Os resultados indicam que a participação da comunidade é essencial para gerar mudanças sociais significativas e que a integração entre Design Estratégico e Inovação Social transforma desafios em oportunidades, contribuindo para um futuro mais sustentável e equitativo.

**Palavras-chave:** Inovação Social, Design Estratégico, Resíduos têxteis, Moda, Sustentabilidade

#### **Abstract**

*The community of Porto Novo, located in Porto Alegre/RS, faces significant challenges related to the excessive accumulation of textile waste and socioeconomic vulnerability. This scenario is merely a fraction of global issues that reflect a capitalist society that encourages rampant consumption, leading to social degradation and increasing environmental impact, the current geological epoch known as Anthropocene. This article investigates how Social Innovation guided by Strategic Design can address these complex issues by proposing solutions that revalue textile waste and promote local development. The methodology includes a dynamic between action and reflection, aiming to identify practical opportunities for empowerment, dignity and autonomy for a group of local women. The results indicate that community participation is essential to generate significant social changes and that the integration between Strategic Design and Social Innovation transforms challenges into opportunities, contributing to a more sustainable and equitable future.*

**Keywords:** Social innovation, Strategic design, Textile waste, Fashion, Sustainability



## 1. Introdução

Na lógica de consumo do *fast fashion*, que lança coleções semanais e incentiva a compra e o descarte rápido, roupas são fabricadas em velocidade recorde, utilizando recursos de forma indiscriminada e gerando resíduos em volumes alarmantes em países de menor custo (terceirização). Isto ainda reforça atividades de exploração humana (mão-de-obra) e falta de transparência na cadeia produtiva. Trabalhadores, especialmente mulheres em situação de vulnerabilidade, enfrentam jornadas extenuantes em condições insalubres e salários irrisórios – lembramos o desabamento do Rana Plaza, Bangladesh, 2013 – e locais, como o deserto do Atacama, e periferias urbanas, como Porto Novo em Porto Alegre.

Por outro lado, isso tem impulsionado movimentos de conscientização e iniciativas voltadas para uma moda mais ética e sustentável. Consumidores começam questionar a origem das roupas, enquanto designers e marcas pioneiras exploram alternativas, como a economia circular e a moda *slow*, que buscam desacelerar o ritmo de produção e consumo, prolongar a vida útil dos produtos e minimizar o desperdício. A evolução do Design para a Sustentabilidade reflete essa abordagem, propondo soluções que integram reaproveitamento de materiais, Economia Circular e práticas colaborativas, promovendo valores éticos e responsabilidade ambiental. Como discutem Ceschin e Gaziulusoy (2016), o campo do design tem se expandido de inovações isoladas focadas em produtos para sistemas mais amplos que consideram aspectos socioeconômicos e ambientais. Conforme Manzini (2008), a transição para a sustentabilidade exige mudanças em todos os níveis do sistema sociotécnico, desde a produção até o comportamento cultural. A sustentabilidade é vista como um processo cultural democrático que exige a participação ativa de todos e com o designer atuando como facilitador de aprendizagens coletivas, promovendo a construção de um futuro plural, justo e sustentável. Fletcher (2008) enfatiza que a moda sustentável deve ser vista como um processo de transformação cultural, incentivando uma reflexão crítica sobre o impacto das escolhas. A conscientização sobre os impactos da moda precisa de uma educação para o consumo consciente, enquanto uma medida urgente para promover mudanças estruturais consiste em repensar o sistema produtivo, priorizando a transparência, a justiça social e o respeito ao meio ambiente. Iniciativas locais podem gerar impactos globais significativos, como demonstra o conceito de SLOC (*Small, Local, Open, and Connected*) de Manzini.

A complexidade desses problemas socioambientais reside no fato de não possuírem soluções únicas ou definitivas, nem critérios universais que garantam sua resolução. Conforme Rittel e Webber (1973), a formulação de um problema perverso é o próprio problema. Além disso, as soluções geralmente têm efeitos de longo prazo, frequentemente imprevisíveis e difíceis de mensurar com exatidão (Buchanan, 1992). Esses “wicked problems” envolvem dimensões interdependentes, desafiando o design tradicional e exigindo respostas que considerem as complexas interações entre sistemas sociais, ambientais e econômicos. Como afirmam Gatt e Ingold (2013), o design não transforma o mundo de forma isolada, ele é parte do contínuo processo de transformação do próprio mundo, convidando comunidades, designers e outros atores a assumirem um papel ativo na construção de novas possibilidades e realidades compartilhadas. O Design Estratégico destaca-se por sua capacidade de navegar pela incerteza e pela turbulência e concentra-se em inventar e definir problemas ao longo do processo, tornando-se uma atividade criativa e não linear, capaz de gerar mudanças culturais e sociais (Buchanan, 1992), configurando-se como uma ferramenta poderosa para abordar crises contemporâneas (Light et al., 2017).



A crise atual pode ser entendida como uma crise de design (Escobar, 2018). Enfrentá-la requer uma transformação radical nas práticas humanas e nos paradigmas de design, orientada por uma nova ética que priorize a conservação, regeneração e gestão responsável dos recursos naturais. O Design Estratégico, como catalisador de mudanças sistêmicas, mobiliza comunidades e indivíduos para repensarem práticas e criarem soluções sustentáveis. Essa abordagem desafia paradigmas estabelecidos, promove inclusão social e estimula a co-criação de alternativas adaptadas às realidades locais. Meroni (2008, p. 33) afirma que “Design Estratégico é sobre evolução”, propondo uma transição do design centrado no utilizador, rompendo com o “fetichismo do objeto” (Buchanan, 1992), para o design centrado na comunidade, orientado para sistemas, integrando diversas escalas e disciplinas para impactar positivamente aspectos ambientais, sociais e econômicos. O Design Estratégico avança para uma prática que molda formas de pensar e fazer, desde soluções únicas até a reorientação dos modos de vida individuais e coletivos (Manzini, 2016).

Meroni (2008, p. 34) afirma que “Design Estratégico é sobre Inovação Social” essencial para enfrentar os desafios complexos da sociedade contemporânea. Segundo Manzini (2015), ela ocorre quando novas ideias e práticas são introduzidas para gerar bem-estar coletivo e resolver problemas de maneira colaborativa. Para Manzini (2008), o designer, além de criar soluções, deve facilitar processos participativos que promovam novas formas de pensar, fazer e viver, criando redes sociais que estimulem comportamentos sustentáveis e inovadores. Na moda, a Inovação Social desafia a *fast fashion*, priorizando práticas que combinam sustentabilidade ambiental e geração de oportunidades econômicas para comunidades vulneráveis. O Design Estratégico é uma abordagem que busca a transformação social e ambiental, que desafia paradigmas estabelecidos e propõe soluções inovadoras. Inspirado por Illich (1973) e Manzini (2015), valoriza solidariedade, ética e interdependência, promovendo uma economia baseada em bens comuns e integração entre humano e não humano.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar o projeto de Inovação Social orientado pelo Design Estratégico CriaRenda, implementado na comunidade Porto Novo em Porto Alegre - RS, que visa promover dignidade, autonomia e empoderamento para a comunidade a partir da construção de peças de moda com roupas descartadas, para a revalorização dos resíduos têxteis disponíveis. Com essa intenção, resultados metodológicos do projeto são apresentados. Estes baseiam-se em oficinas organizadas em três níveis de desenvolvimento: dignidade, autonomia e empoderamento. A dignidade é resgatada ao transformar materiais descartados em produtos úteis, reduzindo resíduos e valorizando a criatividade. A autonomia surge por meio de práticas de corte, costura e design, que possibilitam a geração de renda independente. O empoderamento é alcançado quando os participantes se tornam agentes ativos na cadeia produtiva sustentável, contribuindo para a preservação ambiental e o fortalecimento socioeconômico. A questão de pesquisa que provocou tal desenvolvimento foi como o Design Estratégico poderia orientar a Inovação Social na comunidade Porto Novo a partir da revalorização de resíduos têxteis, sendo as intenções do projeto promover uma sensibilização sobre a sustentabilidade no setor de moda e ofertar oportunidade de desenvolvimento de dignidade, autonomia e empoderamento à comunidade.

## **2. Os três pilares fundamentais: dignidade, autonomia e empoderamento**

Nesse cenário, exploramos como a Inovação Social orientada pelo Design Estratégico pode criar propostas habilitantes e situadas, desenvolvendo um projeto que promovesse a revalorização de resíduos têxteis como matéria-prima para a produção de moda sustentável e



fosse fonte de geração de renda na comunidade local. A partir da fundamentação teórica, junto com a vivência da comunidade Porto Novo, foi possível estruturar a estratégia de intervenção, diante da compreensão dos conceitos-chave que compõem o DNA do projeto. Os princípios de dignidade, autonomia e empoderamento são palavras que, em cada dicionário, possuem múltiplos significados não completamente uniformes, variando de acordo com o contexto cultural e histórico, o que revela a complexidade semântica. Como conceitos que lidam com a experiência humana, são difíceis de definir com precisão, mantendo um grau inevitável de indeterminação. Ao estudarmos sua estrutura e morfologia, notamos que a vagueza dessa elasticidade semântica da linguagem não é uma limitação, mas sim um recurso, que permite que as palavras sejam flexíveis e se ajustem às novas necessidades de significado de uma comunidade humana. Isso torna a linguagem aberta a novas interpretações, e cabe a cada geração o papel de preencher essas palavras com novos significados compartilhados, adaptando-as às demandas éticas e sociais de seu tempo.

A dignidade, termo abstrato derivado do adjetivo “digno”, refere-se à condição ou qualidade de ser digno, é uma condição moral adquirida por meio de comportamentos coerentes com valores éticos e culturais, mas que também pode ser perdida, variando de acordo com contexto social e cultural. Em um sentido universalista, a dignidade humana tem um fundamento ontológico, sendo uma qualidade intrínseca de cada ser humano, independentemente de méritos, posição social ou outras condições como idade, sexo ou etnia. Portanto, respeitar a dignidade de alguém significa não apenas reconhecer sua humanidade, mas também criar condições para que essa pessoa floresça plenamente em sua existência.

Por outro lado, a autonomia é a capacidade de governar-se e agir de forma independente, refletindo a liberdade de se autorregular e cuidar de suas próprias necessidades sem depender de outros, frequentemente com base em um direito inerente. Na filosofia, a autonomia ética envolve autodeterminação e liberdade de decisão. Contudo, em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais, a autonomia não pode ser vista de forma isolada; ela deve ser promovida em conjunto com a justiça social e o fortalecimento de redes de apoio coletivo.

O conceito de empoderamento refere-se ao aumento de poder e capacidades, englobando ações e intervenções voltadas para fortalecer o poder de escolha dos indivíduos, aprimorando suas habilidades e conhecimentos. No campo social e político, trata-se de um processo de libertação coletiva, no qual comunidades marginalizadas superam condições de opressão, superando uma condição subalterna e obtendo o reconhecimento de seus direitos, conquistando maior autonomia e responsabilidade. O empoderamento, nesse contexto, vai além do aumento de capacidades individuais, está intrinsecamente ligado à ideia de justiça social, pois promove a redistribuição de poder e a construção de novas formas de convivência baseadas no respeito mútuo e na igualdade.

Em última análise, a construção de uma sociedade pautada pela dignidade, autonomia e empoderamento requer um esforço coletivo para transcender as limitações do individualismo e do materialismo. Isso implica a promoção de práticas colaborativas, a valorização dos saberes locais e o fortalecimento de redes de solidariedade. Como sugerem Manzini e Escobar, o futuro da humanidade depende de nossa capacidade de nos reconectarmos uns com os outros e com o planeta, reconhecendo a interdependência como um princípio ético e ecológico fundamental. Somente assim poderemos construir um mundo onde os valores de justiça, igualdade e respeito mútuo sejam mais do que ideais; sejam práticas concretas que transformem o presente e garantam um futuro mais sustentável e inclusivo para todos.

### 3. Procedimentos Metodológicos

A metodologia foi estruturada em três movimentos interdependentes, que ocorreram de forma simultânea no grande conjunto do Metaprojeto, interagindo continuamente em uma oscilação dinâmica entre ação e reflexão. Esses foram os movimentos teórico-preparatório, conceitual-desenvolvimento e prático-realidade, conforme apresentado na Figura 1.

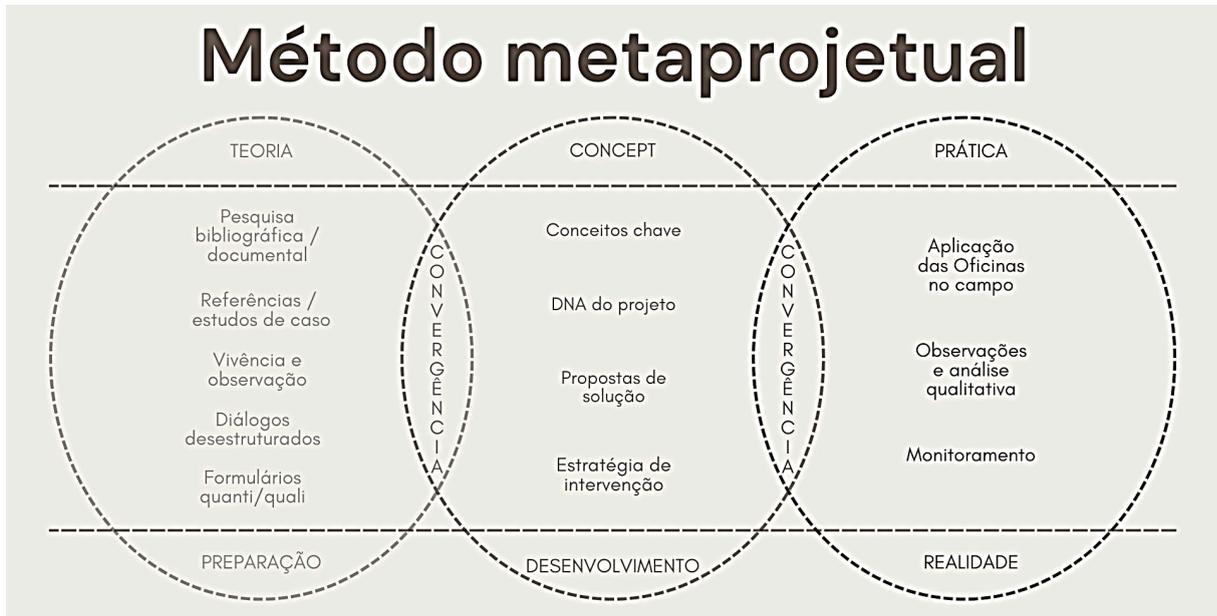


Figura 1: Metodologia de pesquisa. Fonte: elaborada pelas autoras.

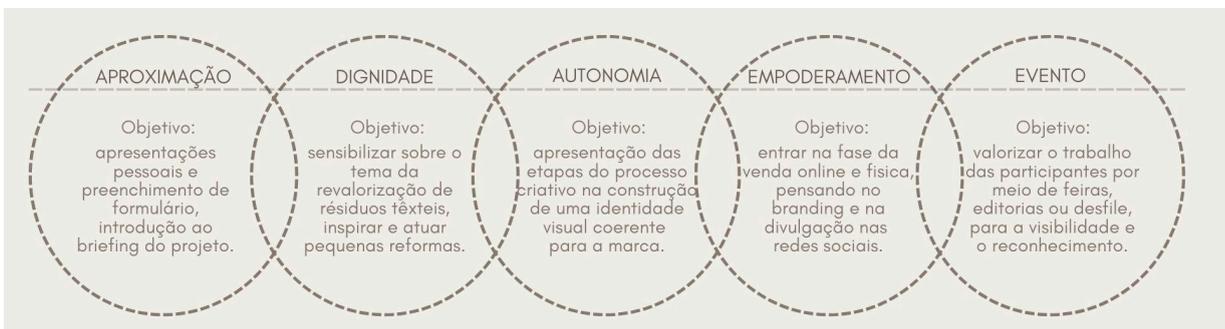
#### - Movimento teórico-preparatório:

- Pesquisa bibliográfica/documental assistemática: Análise de literatura e documentos, por indicação de especialistas, textos encontrados ao longo das disciplinas de mestrado em Design e em buscas abertas, relacionados às palavras-chave da pesquisa (Inovação Social, Design Estratégico, Resíduos têxteis, Design de Moda para Sustentabilidade, Empoderamento comunitário), com ênfase nos pilares de dignidade, autonomia e empoderamento.
- Observar/Absorver a comunidade: Um encontro de três horas a cada semana por dois meses permitiu a vivência direta na comunidade Porto Novo, para compreender suas dinâmicas sociais, culturais e econômicas. Essa imersão permitiu captar necessidades e identificar oportunidades de intervenção contextualizadas.
- Formulário misto (quantitativo/qualitativo): Aplicação de um questionário com perguntas fechadas e abertas para coletar dados numéricos e percepções subjetivas das quatro participantes (três mulheres do Galpão de triagem mais uma menina com problemas cognitivos), garantindo uma compreensão abrangente de necessidades e opiniões locais.
- Diálogos desestruturados: Conversas abertas, nas quais são levadas em conta as impressões sobre os silêncios, expressões faciais, gestos, palavras empregadas, tom de voz, olhares e hesitações, com os membros da comunidade – professores e estudantes da escola, trabalhadoras do Galpão e mulheres do Clube de Mães – para explorar suas

percepções e experiências. Essa abordagem qualitativa aprofundou o entendimento das dinâmicas locais e revelou temas emergentes.

#### - Movimento conceitual-desenvolvimento

Essa fase se caracterizou, após a coleta de dados e a análise teórica, pela definição dos conceitos-chave que formaram o DNA do projeto, incluindo a identificação dos pilares centrais. Com base nos conceitos desenvolvidos, a estratégia de intervenção foi elaborada. Essa metodologia prática e adaptativa visa criar oficinas que promovam uma sensibilização sobre a sustentabilidade no setor da moda, focando na revalorização dos resíduos têxteis, cultivando dignidade, autonomia e empoderamento na comunidade. O seguinte roteiro, apresentado na Figura 2, foi o guia das intervenções que aconteceram na comunidade Porto Novo.



**Figura 2: Estratégia de intervenção. Fonte: elaborada pelas autoras.**

#### a) Aproximação (2h)

Objetivo: Criar um ambiente de confiança, conhecer uns aos outros apresentando-se, preencher um formulário e ilustrar o briefing de projeto.

Atividades:

-Apresentações informais, nas quais cada participante compartilhou brevemente sua história, experiência, aspirações e motivos para participar.

-Coleta de informações através de formulário.

-Apresentação do projeto, do cronograma e das etapas, acenando o tema da insustentabilidade na moda.

#### b) Dignidade (3h)

Objetivo: Sensibilizar sobre o assunto da sustentabilidade na moda, focando na revalorização das peças descartadas.

Atividades:

-Reflexão sobre a moda como expressão de identidade e como, através do reaproveitamento de roupas, é possível valorizá-las e dar-lhes uma nova vida.

-Mostrar exemplos de *upcycling* e fazer um brainstorming com as participantes sobre ideias criativas para transformar roupas descartadas.

-Inspirar modificações possíveis, utilizando as peças do Galpão, e começar a prática.

#### c) Autonomia (6h)

Objetivo: Introduzir as bases da costura e as etapas do processo criativo de moda, com foco na construção de uma identidade visual coerente para a marca.

Atividades:

-Apresentação dos fundamentos da costura e das etapas do processo criativo de moda.

-Continuar os projetos começados.



d) Empoderamento (6h)

Objetivo: Ingressar na fase de comercialização, abordando estratégias de branding e divulgação da marca nas redes sociais.

Atividades:

-Apresentação sobre a identidade da marca, o uso das redes sociais, da propaganda, da venda online e física.

-Pesquisa de imagens e palavras-chave que fizesse sentido às participantes para a construção da identidade da marca.

e) Evento final (2h)

Objetivo: Valorizar o trabalho das participantes por meio de feiras, editorial ou desfile, fortalecendo a visibilidade e reconhecimento dos produtos criados.

Atividades:

-Participar das feiras que acontecem na cidade, fazendo conexões com pessoas.

-Tirar fotos profissionais das peças para postá-las e vendê-las.

- Movimento prático-realidade

- Aplicação das oficinas: Quando toda a estratégia de intervenção, previamente projetada, foi aplicada. As oficinas visam conectar teoria e prática do processo criativo de moda. Ao longo do processo, ajustes foram realizados de forma iterativa, considerando o feedback das participantes, o que garantiu uma abordagem mais responsiva e alinhada ao contexto local.
- Monitoramento: Observações sistemáticas foram feitas para medir o impacto das intervenções.

#### 4. A história da comunidade Porto Novo

Antes de iniciar qualquer projeto em um sistema complexo, é fundamental que o designer compreenda as múltiplas camadas de interação que o compõem. Isso inclui entender o conteúdo, a estrutura e as dinâmicas evolutivas do sistema. Com base nessa premissa, a análise histórica e social da comunidade Porto Novo foi essencial para contextualizar o projeto CriaRenda.

Localizada entre dois cursos d'água sobre um dique construído após a enchente de 1941, a antiga Vila Dique, nas proximidades do Aeroporto Internacional Salgado Filho, tornou-se um refúgio para milhares de imigrantes, que formaram uma comunidade marcada pela solidariedade, construindo lares e vínculos sociais em um ambiente inicialmente hostil. Aos poucos, o que era apenas mato transformou-se em um espaço habitável, adquirindo uma identidade própria. Em 1978, já havia mais de mil moradores, que resistiam às adversidades e lutavam por melhores condições de vida, implementando iniciativas. Apesar dessas melhorias, a comunidade ainda enfrentava infraestrutura precária, como fornecimento irregular de energia elétrica e abastecimento de água limitado. Em 2005, o Departamento Municipal de Habitação (Demhab), efetuou ampliação da pista do aeroporto e começou as remoções dos moradores da Vila Dique, que ocorreram de forma abrupta, muitas vezes sem aviso prévio, forçando as famílias a abandonarem suas casas em troca de habitações padronizadas no Conjunto Habitacional Porto Novo, no bairro Rubem Berta. Essa decisão iniciou uma longa batalha, marcada pela resistência dos moradores e pelo desmantelamento

progressivo da comunidade. O bairro, conhecido pela violência associada ao narcotráfico, expôs os moradores a conflitos entre facções criminosas. Além disso, as casas entregues pela prefeitura apresentavam inúmeras deficiências: falta de piso, instalações elétricas inadequadas e dimensões insuficientes para atender às necessidades das famílias.

A história da Vila Dique e da comunidade Porto Novo reflete os desafios de um sistema complexo marcado pela exclusão social e pela luta por dignidade. Projetos como o CriaRenda devem levar em conta essa trajetória, reconhecendo tanto as perdas quanto a resiliência da comunidade.

## 5. Resultados

Embora diversas iniciativas voltadas à sustentabilidade estejam surgindo em resposta aos desafios atuais, promover uma mudança cultural e sistêmica profunda continua sendo uma tarefa árdua. Como aponta Manzini (2016), a transição para a sustentabilidade não é linear, mas um processo complexo de aprendizado social contínuo, composto por eventos e experiências que, com erros e acertos, nos ensinam a viver de maneira mais sustentável. Além disso, a transformação ocorre em múltiplas escalas temporais e espaciais, desde intervenções localizadas e de curto prazo até mudanças globais e de longo prazo (Manzini, 2008). Nesse cenário, as inovações realizadas em pequenas escalas são fundamentais, pois se complementam e se interconectam, criando redes que conectam setores e pessoas de diferentes áreas.

A abordagem metodológica do CriaRenda, combinando teoria e prática, reflete um compromisso com a inclusão social e a transformação cultural. Além de abordar o desperdício têxtil, o projeto visa modificar mentalidades em relação ao consumo e à produção na moda. A integração colaborativa da comunidade no processo de design garantiu a cocriação de soluções relevantes e sustentáveis, promovendo dignidade, autonomia e empoderamento. Nesse contexto, o impacto esperado do projeto CriaRenda não se limita a resultados imediatos (as oficinas em si), mas inclui a construção de uma base para mudanças sociais e ambientais duradouras, reforçando a importância de práticas regenerativas e circulares no setor da moda. Além disso, é interessante conhecer as histórias das participantes sobre como mudou a perspectiva delas.

Desde a primeira oficina, conforme apresentado na Figura 3, todas as participantes mostraram interesse no projeto, na possibilidade de aprender novas habilidades ou desenvolver algumas que já tinham (2/4 afirmam ter experiência em costura, tricô ou outras).



**Figura 3: Oficina Aproximação. Fonte: elaborada pelas autoras.**

Por meio do formulário misto, conforme apresentado na Figura 4, 80% delas afirmou que já tinha pensado em transformar as próprias habilidades em fonte de renda.

PERGUNTA	RESPOSTA	RESULTADO
De onde veem suas roupas?	-doações -troca entre amigos -brechós -online -fast fashion	80% 20% 0% 40% 20%
Como você escolhe o que veste?	-conforto -visual, para se sentir bonita -para expressar seu estilo próprio -visto qualquer coisa	50% 0% 50% 0%
Tem alguma habilidade em costura, tricô ou crochet?	-sim -não	50% 50%
Já pensou em transformar suas habilidades em fonte de renda?	-sim -não	50% 50%
O que espera aprender aqui?		
Você usa as redes sociais?	-pouco -apenas para me entreter -para me informar, pesquisar, interagir -para comprar ou vender	20% 0% 60% 20%

**Figura 4: Formulário. Fonte: elaborada pelas autoras.**

Depois de ter apresentado imagens, vídeos e documentários que denunciam o impacto ambiental, social e econômico da indústria da moda, elas mostraram um entendimento do objetivo do projeto e começaram olhar de uma outra perspectiva os resíduos têxteis, assimilando a questão da revalorização das peças. Se antes aquelas peças iam para o aterro, agora são revisadas e escolhidas por elas mesmas. Elas entenderam que o resíduo pode e deve ser a matéria-prima do futuro. Uma mulher em particular começou um discurso inspirador sobre as possibilidades que projetos como esse abrem para pessoas que precisam de um incentivo para seguir caminhos diferentes: “Aqui a gente consegue se exprimir, sair da bolha”.

No final da oficina do nível da dignidade, conforme apresentado na Figura 5, a mesma participante se expressou falando que provou orgulho com o que ela produziu, e que foi um momento terapêutico, no qual se desconectou dos problemas cotidianos.



**Figura 5: Oficina Dignidade. Fonte: elaborada pelas autoras.**

Foi percebido que devolver a dignidade para essas peças significa consertar uma história, significa resiliência, e que essa prática é uma cura que acalma a mente. Durante a terceira etapa, conforme apresentado na Figura 6, diante da apresentação do processo criativo, as participantes começaram a buscar imagens e palavras que para elas representassem o projeto em questão.



**Figura 6: Oficina Autonomia. Fonte: elaborada pelas autoras.**

Essa fase foi crucial, pois estabeleceu as bases para um desenvolvimento criativo colaborativo autônomo, onde cada participante pode expressar suas ideias e visões, contribuindo para um resultado que reflete a diversidade de perspectivas presentes no grupo. Chegamos à síntese de quatro conceitos centrais (inovação, educação, criatividade e circularidade) e as participantes começaram discutir sobre o espalhamento da visão do projeto por meio de conexões com pessoas, sobre a sensibilização dos valores, “fazer em conjunto”, compartilhar, colaborar, se ajudar, visando um progresso comum mais equitativo e sustentável. “Graças a esse projeto, agora eu vivo a vida, antes a vida me vivia” (participante). Isto reflete o processo de libertação e o aumento de poder de escolha dela, aprimorando suas habilidades e conhecimentos, conforme apresentado na Figura 7.



**Figura 7: Oficina Empoderamento. Fonte: elaborada pelas autoras.**

O senso de pertencimento e orgulho foi alimentado também graças a participação das feiras, do editorial e da postagem nas redes sociais, explorando estratégias de comunicação visual e presença digital, essenciais para garantir a visibilidade e o sucesso da iniciativa no mercado. A atividade foi dividida em duas etapas principais: acabamento dos projetos e curadoria das peças para fotografia e publicação nas redes sociais. Conseguimos nos inserir em três feiras de brechó e realizar sessões de fotos profissionais das roupas em estúdio fotográfico, conforme apresentado na Figura 8.



**Figura 8: Evento. Fonte: elaborada pelas autoras.**

Por meio do design foi possível reinterpretar realidades e cocriar novos significados, configurando o Design Estratégico como uma disciplina criativa, reflexiva e essencialmente indeterminada, adotando metodologias baseadas na oscilação dinâmica entre ação e reflexão, promovendo a participação ativa de comunidades no processo de transformação. Giaccardi (2005) destaca que o design pode ser entendido como um processo de metadesign, onde as mudanças de cada participante influenciam a evolução coletiva, fortalecendo a capacidade de adaptação e resiliência dos sistemas, e foi exatamente o que aconteceu nas oficinas.

## 6. Considerações Finais

O CriaRenda representa uma resposta inovadora e inspiradora aos desafios socioambientais da moda e do consumo sustentável. Embora enfrente limitações estruturais e operacionais relacionadas a recursos, engajamento e escalabilidade, suas perspectivas futuras indicam um potencial significativo. CriaRenda pode se tornar um modelo de referência no campo da Inovação Social e do Design Estratégico, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e sustentável. Em conclusão, podemos afirmar que a Inovação Social na moda orientada pelo Design Estratégico promove dignidade, autonomia e empoderamento comunitário e, ao reconhecer e valorizar a diversidade cultural, promove itens que refletem a herança e as narrativas de cada povo. Além disso, fomenta a criatividade e o desenvolvimento de soluções sustentáveis, desafiando a massificação de produtividade e ajudando a diminuir a exploração de mão de obra e o uso predatório dos recursos naturais. O empoderamento comunitário é uma consequência direta: ao incentivar a participação ativa das comunidades na criação de produtos que atendem às suas necessidades específicas, a moda se torna um veículo para a expressão cultural e a criatividade, criando também um senso de pertencimento e orgulho entre os membros da comunidade.

Conforme Binder (2015) e Manzini (2008), práticas colaborativas mobilizam atores e recursos para alcançar objetivos compartilhados, promovendo soluções mais sustentáveis e inclusivas, enfatizando a cocriação e atribuindo às comunidades um papel central na identificação e resolução de seus próprios desafios, fortalecendo sua autonomia. Conforme Manzini (2015), destaca-se que o Design Estratégico promove inovações culturais, alterando



comportamentos e valores, atuando como um meio de aprendizado social, onde erros e contradições fazem parte de um processo evolutivo em direção à sustentabilidade. Ao integrar sustentabilidade, participação e empoderamento, a Inovação Social redefine o papel do design na sociedade, transformando-o em uma ferramenta de inclusão e regeneração, promovendo uma transição para um futuro mais justo e sustentável. Mesmo ações pequenas podem inspirar mudanças mais amplas, contribuindo para um futuro em que indivíduos, comunidades e ecossistemas coexistam de forma equilibrada. A teoria dos sistemas vivos tem sido amplamente considerada uma base para o desenvolvimento de competências de design voltadas a promoção de diversidade e resiliência em sistemas socioambientais por meio de redes inteligentes e auto-organizadoras, exigindo um compromisso coletivo com a inovação responsável e uma disposição para desafiar normas estabelecidas que perpetuam práticas insustentáveis. Apenas por meio dessa abordagem abrangente será possível avançar para um futuro mais sustentável, onde cada decisão no campo do design contribua para um mundo mais justo, equilibrado e resiliente.

## Referências

- BINDER, T. Experimentos de Design Democrático: Entre Parlamento e Laboratório. 2015.
- BUCHANAN, R. Problemas Complexos e o Pensamento em Design. 1992.
- CESCHIN, F.; GAZIULUSOY, I. Evolução do Design para a Sustentabilidade: Do Design de Produto ao Design para Inovações e Transições de Sistemas. 2016.
- ESCOBAR, A. Designs para o Pluriverso: Interdependência Radical, Autonomia e a Criação de Mundos. 2018.
- FINDELI, A. **Repensando a Educação em Design para o Século XXI**: Discussão Teórica, Metodológica e Ética. 1. ed. Nova York: Routledge. 2001.
- FLETCHER, K. **Moda e Têxteis Sustentáveis**: Jornadas de Design. 1. ed. Londres: Earthscan. 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- GATT, C.; INGOLD, T. **Da descrição à correspondência**: antropologia em tempo real. 1. ed. Londres: Bloomsbury. 2013.
- GIACCARDI, E. Metadesign como uma Cultura Emergente de Design. 2005.
- ILLICH, I. Ferramentas para Convivialidade. 1973.
- LIGHT, A.; POWELL, A.; SHKLOVSKI, I. Design para a Crise Existencial na Era do Antropoceno. 2017.
- MANZINI, E. Cultura do Design e Design Dialógico. 2016.
- MANZINI, E. Design para a Inovação Social e Sustentabilidade: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. 2008.
- MANZINI, E. **Design, Quando Todos Projetam**: Uma Introdução ao Design para a Inovação Social. 1. ed. São Paulo: Blucher. 2015.
- MERONI, A. Design Estratégico: Onde Estamos Agora? Reflexões sobre os Fundamentos de uma Disciplina Recente. 2008
- MOORE, J. W. **Capitalismo na Teia da Vida**: Ecologia e a Acumulação de Capital. Londres: Verso. 2015.
- RITTEL, H. W. J.; WEBBER, M. M. Dilemas em uma teoria geral de Planejamento. 1973.